

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Kaena Rogerio Vianna

**A EXPERIÊNCIA DISCENTE NO ENSINO MÉDIO DURANTE A SINDEMIA
DE COVID-19**

Porto Alegre

2021

Kaena Rogerio Vianna

**A EXPERIÊNCIA DISCENTE NO ENSINO MÉDIO DURANTE A SINDEMIA DE
COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Silva Virginio

Porto Alegre

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Kaena Rogerio Vianna

**A EXPERIÊNCIA DISCENTE NO ENSINO MÉDIO DURANTE A SINDEMIA
DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Data da aprovação: _____

Banca Examinadora:

Professor Dr. Alexandre Silva Virginio (orientador)

Professora Dra. Larisa da Veiga Vieira Bandeira

Professora Dra. Rosimeri Aquino da Silva

Porto Alegre
2021

CIP- Catalogação na Publicação

Vianna, Kaena Rogerio
A EXPERIÊNCIA DISCENTE NO ENSINO MÉDIO DURANTE A
SINDEMIA DE COVID-19 / Kaena Rogerio Vianna. -- 2021.
44 f.
Orientador: Alexandre Silva Virginio.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Educação e sindemia covídica. 2. Ensino Médio.
3. Processos de socialização. 4. Relação com o
conhecimento. 5. Perspectivas de futuro. I. Virginio,
Alexandre Silva, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com
dados fornecidos pela aluna/pesquisadora.

AGRADECIMENTOS

“Faltam cem reais, amanhã eu pago!” Era a frase que marcava o malote da minha mãe aos 21 dias do mês de outubro no ano de 2013. Malote é um envelope onde deve ser depositado todo o dinheiro arrecadado por um cobrador de ônibus durante um dia de trabalho. Nele, vão descritas todas as informações referentes à circulação de passageiros no dia e o total das passagens em dinheiro em espécie. Neste período minha mãe sustentava três filhas trabalhando como cobradora de ônibus, neste mesmo dia, de acordo com o calendário desta Universidade, acabava o prazo para pagamento de inscrição do concurso vestibular. Pode parecer coincidência, mas o ato impulsivo daquela cobradora de ônibus estava completamente relacionado aos prazos pré-estabelecidos pela universidade, e conseqüentemente, meu futuro. Assim, começa minha trajetória acadêmica. Mãe, obrigada por todas as estratégias feitas por ti, mesmo que sem perceber, para que eu pudesse ter acesso a uma boa educação. Obrigada por ser minha amiga e sempre acreditar em mim. E principalmente, obrigada por me fazer forte!

Ao meu pai agradeço por sempre acreditar no meu potencial, por me incentivar e por ser meu grande amigo. E por todas as vezes que perguntava sobre as aulas, mesmo que não soubesse ao certo sobre o que eu estava falando. Obrigado por abdicar dos teus estudos colocando os meus em prioridade, ao me ceder teu computador, tornou este trabalho possível.

Ao meu companheiro de vida, Alex, por nunca soltar minha mão. Com certeza foste determinante na minha trajetória acadêmica do início ao fim. Do dia que sentou na secretária da escola onde concluí o ensino médio, exigindo meu comprovante de conclusão, dizendo que não sairia de lá sem ele nas mãos (e assim fez), até o dia que entregamos este trabalho.

As minhas irmãs Aisha e Helena, por quem tento ser melhor a cada dia, e pelos seus olhos brilhando ao me verem na universidade, olhares que não me deixaram desistir. Aisha, ser teu exemplo sempre guiou meus passos, obrigada por ser minha força e por me ajudar diretamente neste trabalho do início ao fim.

Ao meu querido orientador, agradeço primeiro pelas aulas no IFCH, momentos onde compartilhávamos saberes e relatos de experiências. Aulas sempre cheias de

entusiasmo e amor pela educação. Aulas que me faziam sair do campus do vale já tarde da noite, exausta de um dia longo de trabalho que antecedia a aula, mas com sorriso largo no rosto. Acredito que todos os estudantes de licenciatura precisam passar por momentos como as aulas do Professor Alexandre Virginio. Aulas que nos enchem de esperança, mesmo conhecendo a cruel realidade, aulas que provocam sorrisos, aulas que reafirmam nossa crença sobre a beleza e poder da educação. Agradeço por fim, por sua paciência, dedicação para com o meu processo de aprendizagem, e por me mostrar que a produção acadêmica pode ser leve. E principalmente obrigada por me lembrar de que somos seres inacabados quando se trata de conhecimento.

RESUMO

O presente trabalho busca abordar através de relatos de experiências discentes, uma análise dividida em três perspectivas a respeito dos desafios impostos pela sindemia covídica. A análise empírica baseada nas especificidades da relação do estudante com o contexto sindêmico busca entender: 1) As práticas de socialização escolar durante a suspensão das aulas presenciais; 2) A relação com a construção do conhecimento; 3) As perspectivas de futuro e sua relação com o contexto atual. Através da análise de cinco entrevistas semiestruturadas com estudantes concluintes do Ensino Médio, busca-se problematizar os três eixos da pesquisa os relacionando com questões de desigualdade social e estrutura escolar.

Palavras-chave: sindemia, educação, Ensino Médio, covid-19, construção do conhecimento, socialização, futuro.

ABSTRACT

This academic work seeks to approach through reports of student experiences, an analysis divided into three perspectives about challenges posed by the covid syndemic. Empirical analysis based on the specifics of the student's relation with the syndemic context seeks to understand: 1) School socialization practices during the suspension of classroom lesson; 2) The relation with the construction of knowledge; 3) Future perspectives and their relation to the current context. Through the analysis of five semi-structured interviews with students from the final stage of high school, this work seeks to problematize the three axes of the research, and relate these to issues of social inequality and school structure.

Key words: syndemic, education, high school, covid-19, knowledge construction, socialization, future.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1. Da inquietação ao que se espera descobrir	10
1.2. Objetivos.....	11
1.2.1. Objetivo Geral.....	11
1.2.2. Objetivos Específicos.....	11
1.3. Metodologia.....	12
1.3.1. Conhecendo o Colégio Conexão.....	13
2. UMA NOVA REALIDADE ESCOLAR: Os primeiros impactos da sindemia.....	14
3. UMA BREVE LOCALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DA EDUCAÇÃO	17
4. A EXPERIÊNCIA DISCENTE NA ULTIMA ETAPA DO ENSINO MÉDIO DURANTE A SINDEMIA DE COVID-19	19
4.1. As práticas de socialização resistindo à sindemia	20
4.2. Quando estudar torna-se um árduo desafio: Relatos da relação com a construção do conhecimento	24
4.3. O Futuro: Sonhos e incertezas	29
5. SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
7. REFERÊNCIAS:	37
8. APÊNDICE	41

1. INTRODUÇÃO

1.1. Da inquietação ao que se espera descobrir

A rápida e emergente reorganização social que vem ocorrendo por conta da disseminação da Covid-19 exige novas discussões e estudos em diversas áreas do conhecimento. O campo da educação foi rapidamente atingido com o fechamento das escolas. Junto da suspensão das aulas presenciais, inúmeras interrogações. Palavras como incerteza e insegurança ganharam espaço nas discussões sobre currículo, prática docente, uso de tecnologias, qualidade de acesso, monitoramento de atividades, métodos avaliativos, entre outros.

Dentre tantas discussões sobre as adversidades do contexto escolar, ainda no ano de 2020, a volta às aulas ocupava o campo das possibilidades. Da mesma forma, as discussões sobre currículos de transição (SILVA, 2021) e avaliação diagnóstica ganhavam espaço nas preocupações correntes. Neste sentido o parecer nº 11/2020 do Conselho Nacional de Educação destaca a importância da avaliação diagnóstica e formativa no retorno às aulas, como meio de analisar possíveis lacunas de aprendizagem entre os estudantes em um período atípico. O objetivo é que, a partir destes diagnósticos, sejam traçados métodos de recuperação de tal aprendizagem. Não obstante, o parecer exige atenção especial das instituições escolares em relação aos estudantes que cursam as etapas finais das modalidades de ensino fundamental e médio (BRASIL, 2020). Ao reconhecer a relevância da etapa final do Ensino Médio como determinante para o futuro dos estudantes, seja este na educação e/ou mundo do trabalho, o parecer destaca:

Considerando o cenário educacional do país, o CNE faz a recomendação de que cada instituição ou rede de ensino avalie cuidadosamente os impactos da reprovação dos estudantes ao final do ano letivo de 2020, considerando que muitas das lacunas de aprendizagem que ocorrerão neste ano, em virtude das restrições impostas pela pandemia da COVID-19 no processo educacional, deverão ser recuperadas nos anos seguintes, em particular em 2021 (BRASIL, 2020).

Sabendo que o Ensino Médio tem caráter determinante na vida futura dos estudantes (DE MELLO; LEONARDO, 2019), e que o ano letivo de 2020, devido ao contexto sindêmico, foi marcado pela multiplicação de dificuldades educacionais já existentes, surgem algumas inquietações e/ou interrogações. Neste sentido, o atual

contexto concorreu para assumirmos os estudantes da etapa final do Ensino Médio como sujeitos desta pesquisa. Neste sentido, nosso problema de pesquisa atende à seguinte questão: que elementos caracterizam a experiência dos estudantes de Ensino Médio da rede pública durante a Síndrome do Covid-19.

Ao reconhecer a importância da socialização escolar e da relação com o conhecimento destes estudantes com suas perspectivas de futuro, busca-se através deste trabalho, escutar as experiências escolares e de vida destes estudantes. O fato de vivenciarem e concluírem o Ensino Médio por meio do ensino remoto¹, portanto longe do espaço escolar, do convívio com os colegas e professores, e reconstruindo suas próprias relações com o conhecimento, torna-os sujeitos singulares. Como protagonistas de um momento histórico singular na história da escolarização brasileira, suas trajetórias sugerem elementos que merecem ser objeto de elucidação.

Sendo assim, busca-se, através deste trabalho, analisar a experiência discente no contexto síndêmico. Nosso foco recairá sobre suas perspectivas de futuro, suas relações com o conhecimento, as características dos processos de socialização e, por conseguinte, que autopercepção sustentam diante do mundo.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo é descrever e analisar as situações vivenciadas por estudantes concluintes do Ensino Médio em uma escola pública de Porto Alegre a partir do contexto síndêmico.

1.2.2. Objetivos Específicos

- Caracterizar os processos de socialização vivenciados pelos estudantes no Ensino Médio;
- Analisar a relação dos estudantes com o conhecimento em contexto síndêmico;
- Verificar como a relação dos estudantes com o futuro pode estar relacionada às experiências escolares.

¹ ¹ Ensino Remoto de caráter Emergencial consiste na mudança do espaço onde ocorrem as práticas de ensino-aprendizagem elaboradas inicialmente para o formato presencial. Tendo tais práticas transferidas do modo presencial para o remoto através do uso de tecnologias. Diferentemente do EaD, o formato ERE não é elaborado para o ensino remoto, mas sim presencial, e assume o uso das tecnologias como meio devido as necessidades do contexto.

1.3. Metodologia

Esta pesquisa tem sua origem em observações informais de relatos e publicações em redes sociais de jovens concluintes do Ensino Médio no ano de 2020. O incômodo por parte dos estudantes por estarem passando pelo tão esperado “terceirão” (terceiro e último ano do ensino médio) em meio a uma pandemia e, conseqüentemente, distante do território e comunidade escolar, ganhou destaque em suas publicações no meio digital. Conteúdos com certo tom de ironia (memes) e que deixavam claro o descontentamento com a nova realidade educacional eram recorrentes. Da observação informal surge a inquietação, e da inquietação a busca por referenciais teóricos. A partir da leitura de trabalhos que abordavam as especificidades do Ensino Médio enquanto modalidade, e também sobre a relação do contexto pandêmico com a educação, este trabalho de pesquisa começa a existir.

Tendo em vista que objetivo deste trabalho é descrever e analisar as situações vivenciadas no ano de 2020 por estudantes concluintes do Ensino Médio, foi utilizado como estratégia de pesquisa o Estudo de Caso com abordagem qualitativa. Com intuito de exercer uma avaliação baseada pela compreensão, descrição e interpretação dos fatos e fenômenos (MARTINS; THEÓPHILO, 2009), foram consideradas as especificidades não só do contexto, mas também de vida destes estudantes. A coleta de dados ocorreu através conversas informais e entrevistas semiestruturadas de modo presencial e por meio de vídeo chamadas.

A estratégia de pesquisa foi traçada principalmente pela necessidade em destacar a relevância do contexto na vivência escolar destes estudantes. Neste sentido, com o intuito de penetrar na realidade dos sujeitos, buscando compreender a complexidade provocada pelo contexto e suas especificidades (MARTINS; THEÓPHILO, 2009), buscou-se observar os detalhes, fragmentos das vidas dos estudantes. As entrevistas contaram com o suporte visual, tanto as presenciais quanto por chamadas de vídeo. A importância em poder observar o entrevistado se dá pela possibilidade em detectar novos aspectos, além dos esperados pelo projeto inicial, considerando a multiplicidade de dimensões (ANDRÉ, 2019) nos fenômenos analisados.

As entrevistas ocorreram, em primeiro momento, com cinco jovens na faixa etária dos 18 aos 19 anos de gênero e raça diversificados. Os mesmos concluíram a modalidade de Ensino Médio no ano de 2020 em uma instituição escolar estadual

localizada da região central na cidade de Porto Alegre - RS. Tanto a instituição quando os estudantes foram retratados nesta pesquisa através de pseudônimos. Sendo assim, trataremos dos relatos de experiência escolar no ano de 2020 dos estudantes Eduardo, Letícia, Luana, Michael e Milena, matriculados no Colégio Conexão. A escolha da instituição ocorreu por sua localização, e também pela facilidade de aproximação dos possíveis sujeitos, devido indicações de ex-alunos da pesquisadora. A instituição está localizada na região central da cidade de Porto Alegre, por este motivo recebe estudantes de diversos bairros. Posteriormente entrevistou-se a coordenação pedagógica do Colégio Conexão com o objetivo de entender a atmosfera enquanto meio destes estudantes. Os guias utilizados para as entrevistas encontram-se na seção dos apêndices deste estudo.

Para análise das entrevistas foram utilizados referências de várias áreas de conhecimento como: teorias clássicas de socialização, especialmente de Durkheim (2001) e de Berger e Luckmann (1985); educação enquanto ação coletiva, presentes nas contribuições de Paulo Freire (1997; 2005) e Bernard Charlot (2002); a relação da escola com as desigualdades sociais presente nas discussões de Pierre Bourdieu (1966). Da mesma forma, recorreremos a trabalhos recentes que tratam da educação contemporânea, da relação aluno-escola, do contexto educacional sindêmico, das juventudes e suas perspectivas de futuro, entre outros.

Para melhor nos localizarmos ao longo desta leitura iremos neste primeiro momento apresentar a instituição escolar aqui pesquisada com o intuito de entendermos à que escola estes estudantes se remetem. Depois faremos um breve levantamento sobre as alterações no cotidiano provocadas pela pandemia. Para nos localizarmos no contexto educacional trataremos um pouco da trajetória histórica da educação no Brasil e seus principais desafios atuais. Posterior ao exercício de localização, discutiremos a relação das experiências destes cinco estudantes com seus processos de socialização, construção do conhecimento e perspectivas de futuro. Por fim será ligeiramente abordada a importância da escuta nos processos de aprendizagem e pesquisa, e as considerações finais sobre o que se detectou.

1.3.1. Conhecendo o Colégio Conexão

O nome fictício Conexão foi escolhido devido à característica central da escola, que recebe alunos vindos de cerca de 40 bairros da capital (Porto Alegre) e 4 cidades da

região metropolitana. Além disso, a escola recebe alunos de classes, raças e gêneros diversos. Segundo o corpo diretivo, a instituição oferta exclusivamente vagas para a modalidade de Ensino Médio regular, atendendo em média 1.590 alunos, divididos em três turnos. Os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio em específico representavam, no ano de 2020, cerca de 24% deste número total.

Por estar localizada na região central da cidade, facilitando questões de mobilidade, a escola é muito procurada por estudantes trabalhadores. Eles buscam, em sua maioria, os turnos da manhã e noite. O levantamento sócio antropológico (2017) da instituição aponta que os alunos que não possuem ocupação laboral, geralmente, estão matriculados no turno da tarde.

Após o reconhecimento de seu público, o corpo docente e coordenação pedagógica da escola traçaram um planejamento a fim de dar conta das demandas dos próprios estudantes, que, em sua maioria, demonstravam interesse para inserção ao mercado de trabalho. Pensando nisto, através dos currículos e projetos, a escola de Ensino Médio tentava cumprir sua função legal enquanto etapa preparatória para a vida adulta, seja em relação ao seguimento nos estudos, seja na preparação para o mundo do trabalho (LDB, 2020). Currículos estes que foram completamente abalados pela sindemia de Covid-19.

Para o corpo docente da escola o ano de 2020 foi um ano de incertezas, readaptação e desafios. A mudança completa nas práticas pedagógicas abalou todos os sujeitos envolvidos nos processos de aprendizagem. “O fato de o professor ser usuário de tecnologia não lhe garante transposição didática” (MONTEIRO, 2020, p. 244). A falta de formação prévia docente para o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) é um grande obstáculo para os professores, fato que em contexto síndêmico, de afastamento físico, passa a ser determinante nos processos de aprendizagem e formação dos estudantes.

2. UMA NOVA REALIDADE ESCOLAR: Os primeiros impactos da sindemia

Parar por alguns segundos para refletir sobre o fato de que estamos vivendo um momento sem precedentes na história planetária pode espantar. A necessidade de se criar novos meios e maneiras de se viver e conviver não só assusta, mas também desafia as diversas áreas do conhecimento a descobrir e desenvolver novas maneiras de organização social. A sindemia de COVID-19 carrega uma série de novos que, em

consonância com antigos problemas em todos os campos da sociedade, gera novas necessidades e perspectivas, conseqüentemente a emergência de novas pesquisas nas áreas diversas do conhecimento.

A doença popularmente conhecida como COVID-19 torna-se um problema de preocupação mundial a partir de 31 de dezembro de 2019, data em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebe um alerta vindo da cidade de Wuhan, localizada na província de Hubei, na República Popular da China sobre a crescente de casos de pneumonia de origem desconhecida em seus habitantes. Após poucos dias, em 07 de janeiro de 2020, a comunidade científica junto das autoridades chinesas conclui e anuncia que os casos se tratavam de um novo tipo de corona vírus, um vírus comum e já conhecido pelos pesquisadores e profissionais da área da saúde. No entanto, desta vez se tratava de uma nova variante com comportamentos diferentes do vírus original. O novo vírus responsável pela doença de COVID-19, devido ao seu caráter inédito foi nomeado inicialmente de 2019-nCoV. Em 11 de fevereiro de 2020 o mesmo receberia seu nome definitivo, a saber, SAR-CoV-2 (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICA DE SAÚDE, 2020). Ainda no mês de janeiro deste ano a cidade de Wuhan entrou em quarentena devido à crescente de casos e a conclusão de que o vírus era facilmente transmitido entre humanos. A partir do mês de fevereiro a doença avança em modo acelerado por vários países, chegando oficialmente ao Brasil através do primeiro caso registrado no dia 26 deste mesmo mês (PEREIRA; NARDUCHI; MIRANDA, 2020). Aos onze dias do mês seguinte (março de 2020) a Organização Mundial da Saúde declara a doença de COVID-19 como pandemia, considerando sua capacidade de alcance geográfico através da transmissibilidade, sem considerar precisamente seu nível de severidade (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICA DE SAÚDE, 2020). E é a partir deste momento que a realidade global se transforma, afetando diretamente todas as áreas da sociedade.

O isolamento social, ou quarentena, foi a primeira medida de controle adotada pelos governos. Tal medida não pode ser analisada e entendida apenas como uma estratégia de desaceleração de contágio da nova doença. É também uma potência multiplicadora das desigualdades sociais já existentes, e abala de maneira muito cruel os grupos de maior vulnerabilidade, a quarentena acaba assim, sendo discriminatória (SANTOS, 2020). Sabendo que o contexto não se trata apenas de um problema de ordem sanitária, entende-se que o termo que melhor define este momento é o de sindemia, o qual será utilizado ao longo deste trabalho para fazer referência ao contexto.

Sindemia é um conceito criado no fim do século XX pelo médico e antropólogo Merrill Singer. Ao perceber que o termo epidemia não contemplava as especificidades socioculturais na disseminação de uma doença, Singer cunhou os termos sinergia e epidemia. A definição do primeiro diz respeito a algo que ocorre pela junção simultânea de dois elementos ou mais Já o segundo uma doença transmissível que ataca em larga escala uma determinada população dentro de um espaço geográfico limitado. Sendo assim, sindemia refere-se ao resultado da associação de questões de ordem sanitária, sociocultural e ambiental (VEIGA-NETO, 2020).

No primeiro trimestre de 2020 ainda pouco se sabia sobre as especificidades da doença. O Governo do Estado do Rio Grande do Sul através do artigo 5º do decreto nº 55.118, de 16 de março de 2020, determina a suspensão das aulas presenciais em toda a rede Estadual de Ensino por quinze dias podendo ser este período prorrogado, o que de fato foi feito posteriormente. Sendo assim, o Governo do Estado propõe o uso de recursos tecnológicos diversos para a implementação da metodologia de aulas programadas em toda a rede. Até este momento não era possível fazer projeções sobre o futuro do calendário escolar. Não obstante, a nova metodologia proposta pelo governo estadual contava com o retorno ao espaço escolar para a recuperação dos conteúdos até então atrasados.

A proposta do uso de tecnologias da informação para continuação das atividades escolares na rede estadual vinha em tom de evitar prejuízos aos alunos, o que sabemos ser insuficiente. De acordo com os dados levantados pelo IBGE no ano de 2019 a taxa de estudantes da rede privada com acesso a internet era de 98,4%. Já em relação aos estudantes da rede pública este percentual cai para 83,7%. Sendo a internet o principal acesso à educação no contexto sindêmico, as desigualdades econômicas do país acentuam as diferenças de oportunidades para jovens de diferentes classes sociais e multiplicam os obstáculos cumulativos (BOURDIEU, 1966).

O uso das tecnologias digitais na educação é um excelente suporte pedagógico, é inovador, amplia a capacidade de alcance em relação ao conhecimento e pode ser uma ótima estratégia na construção do senso crítico dos alunos. Mas para que tais propriedades sejam alcançadas com êxito no campo pedagógico a metodologia deve ser pensada com antecedência, e tanto os alunos quanto corpo docente precisa de formação prévia para que as ferramentas sejam utilizadas de forma correta, utilizando fontes

seguras e garantindo o desenvolvimento cognitivo dos estudantes (BITTENCOURT; ALBINO, 2017). Além destes desafios, o uso das tecnologias digitais na educação tem uma barreira muito maior a ser enfrentada: um contingente expressivo de alunos tem dificuldade em acessar a internet. Assim passamos a enfrentar uma nova crise no sistema educacional dentro de uma trajetória já marcada pelas dificuldades e defasagens, ou seja, uma crise dentro de outra crise, maior e mais antiga. Ou como diria Boaventura de Souza Santos (2020, p.30), estamos vivendo em uma “(...) quarentena dentro de uma quarentena política, cultural e ideológica”. Para entendermos um pouco disso que chamamos aqui de crise, faremos um breve apontamento de marcos históricos para educação brasileira e alguns dados atuais.

3. UMA BREVE LOCALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DA EDUCAÇÃO

Antes de pensarmos sobre o surgimento de novos problemas educacionais é preciso que façamos o exercício de refletir sobre a realidade educacional pré-sindemia. A implementação dos sistemas educacionais no Brasil além de ocorrer tardiamente (OLIVEIRA, 2010), é marcada pela dualidade educacional. Refere-se à dualidade educacional a maneira distinta de oferta de acordo com a classe social, uma ferramenta de manutenção do sistema capitalista (CAMPELLO, 2009). Ou, em outras palavras, escola rica para os ricos e escola pobre para os pobres.

Enquanto etapa determinante e preparatória para a continuação dos estudos e/ou o mundo do trabalho, o Ensino Médio é a modalidade da educação básica que mais é afetada pela dualidade estrutural (CAMPELLO, 2009). Por este motivo o Ensino Médio está sempre em campo de disputa, especialmente no que respeita à sua função, mudando de acordo com as necessidades econômicas e políticas de cada período histórico do país. Além disso, é marcado por dificuldades que abarcam várias dimensões: definição de seu currículo, recursos para sua manutenção e ampliação, formação de professores, qualidade do ensino, níveis de aprovação, distorção série/idade e evasão (DE MELLO; LEONARDO, 2019).

A desigualdade faz parte da construção histórica do Brasil, baseada fortemente na exploração. E a escola

(...) como instituição social (...) tem tanto contribuído para a manutenção quanto para a transformação social, (...) ela está

intimamente ligada à sociedade que a mantém. Ela é ao mesmo tempo, fator e produto da sociedade (ZITKOSK, 2008, p. 154).

Por este motivo, a luta por uma educação igualitária, de qualidade e democrática tem sido constante, pois, ao mesmo tempo em que a escola reproduz a estrutura social e cultural da sociedade que a mantém, ela também é ferramenta fundamental de transformação social. Neste sentido, o movimento da Escola Nova que ocorre no Brasil na década de 30 do século passado, busca criticar e transformar o sistema educacional brasileiro marcado pela divisão de classes e suas acentuadas desigualdades sociais. Reconhecendo o poder de transformação social da educação, figuras como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo publicaram a partir de uma conferência feita em 1932 o texto intitulado “A reconstrução educacional do Brasil”, um manifesto público a fim de colocar a educação pública, democrática e laica como capaz de promover a transformação social no país. A publicação impulsionou e deu maior visibilidade ao movimento da Escola Nova que defendia a educação pública, obrigatória, gratuita e universal, sendo de responsabilidade exclusiva do Estado. Seu objetivo era a democratização do sistema educacional a fim de promover a transformação social no país (MORAES, 2016). O que posteriormente (1959) Florestan Fernandes chamaria de mudança social organizada. Mudança esta provocada pelos recursos teóricos e metodológicos do Cientista Social, partindo do apontamento de existência do problema para as estratégias de transformação.

No cenário atual, o baixo investimento em educação pública reforça a estrutura dualista da escola. Dados do Censo da Educação Básica, levantados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (BRASIL, 2021) apontam um total de 8,8 milhões de matrículas na rede de educação básica feitas no ano de 2020. Deste total de matrículas 74% ocorreram na rede pública, o que representa quase um quarto do total. Mesmo com função de prover conhecimento científico e formar maior parte da população do país, a educação pública no Brasil segue desvalorizada. Com falta de recursos físicos e financeiros, torna-se cada vez mais difícil garantir qualidade no sistema de ensino público. Além disso, a falta de políticas de incentivo à qualidade da educação pública no Brasil resulta em currículos empobrecidos para os estudantes mais pobres (LIBÂNEO, 2016). Não tendo estrutura para lidar com a diversidade social dos estudantes e suas especificidades, a escola pública acaba enfrentando dificuldades em exercer sua função principal enquanto espaço de trocas e construção de conhecimentos. A oferta de currículos diferentes entre as redes privadas e

públicas acaba tendo teor determinante no futuro destes jovens e nas questões de mobilidade social (ou na falta dela). A desigualdade de qualidade na oferta da educação dualista é também uma forma de alimentar as necessidades de mercado no sistema capitalista (LIBÂNEO, 2016), pois acaba, através da diferença em seus currículos, predeterminando o futuro e os espaços ocupados por estes estudantes de acordo com a origem social.

Por este motivo, podemos afirmar que a luta por uma educação democrática e de qualidade no Brasil nunca parou, nem poderia, afinal esta meta se mostra ainda muito distante. De maneira a provocar a imaginação, poderíamos assim dizer que, ao longo de sua trajetória, a educação vem a passos cambaleantes, tentando incansavelmente alcançar estabilidade. Na verdade sua estrutura, ao contrário do que se espera, não provém forças suficientes para mantê-la firme e em condição de exercer seu papel emancipatório. Portanto, já era de conhecimento geral que a educação pública no Brasil não estava preparada para lidar com as mudanças repentinas provocadas pela disseminação da covid-19, tendo suas dificuldades multiplicadas.

Após uma localização de tempo, espaço e contexto, passaremos a tratar dos relatos de experiência destes estudantes. O que tratamos até o momento pode contribuir para que seja possível fazer uma análise das especificidades presentes nas falas destes estudantes em relação ao contexto atual.

4. A EXPERIÊNCIA DISCENTE NA ÚLTIMÁ ETAPA DO ENSINO MÉDIO DURANTE A SINDEMIA DE COVID-19

Temos como protagonistas desta pesquisa cinco jovens entre 18 e 19 anos que concluíram a última etapa da escolarização básica em uma mesma escola. Suas narrativas dão corpo a este estudo, pois é através delas que conseguimos transcorrer importantes conceitos sobre processos que envolvem a vida escolar.

As experiências destes estudantes são problematizadas aqui através de três perspectivas de análise: práticas de socialização, relação com o conhecimento e relação com o futuro. Sendo, as práticas de convívio social o elemento que mais impactou a vida destes estudantes em contexto sindêmico, abordaremos primeiro as práticas de socialização.

4.1. As práticas de socialização resistindo à sindemia

Das vozes escutadas, a palavra que ressoava era o verbo compartilhar. A falta do outro estava presente em quase todas as falas. Mesmo que as conversas preestabelecidas com os sujeitos tomassem outro rumo, a carência de corporeidade sempre voltava a ser destacada pelos estudantes. Não é por outra razão que trataremos nesta seção, do papel da socialização escolar, bem com a riqueza do aprender com o outro e do saber da experiência.

Para alguns estudantes, o afastamento do espaço escolar serviu para repensar a importância da escola. Relatam que a suspensão das aulas presenciais os fez “dar valor” a estas, aos professores e ao convívio com os colegas.

Eu sempre achava que a escola era um lugar que tu vai pra aprender, e nada de diferente, que sem escola, estudando em casa, ia ser a mesma coisa, mas não, é tudo diferente, o local, a escola, ela traz uma coisa totalmente diferente para a gente, por que traz interação com as pessoas, traz conhecimento. (Luana, 18 anos)

Tendo em vista que, de todas as falas, o que mais se destacou foi a relação com o outro, especificamente dentro do espaço escolar, torna-se imprescindível que analisemos, ao longo deste texto, o papel do processo de socialização escolar na vida destes estudantes. Os processos de socialização têm grande espaço nas discussões sociológicas, e não podíamos esperar o oposto, já que a socialização se resume na relação do ser humano com a sociedade no qual está inserido. Peter Berger e Thomas Luckmann, em 1966, publicam, pela primeira vez, o livro *A construção social da realidade*. Resultado de um trabalho comum, a obra classifica a socialização como processo de interiorização dos códigos e signos de um grupo social. Tal interiorização ocorre por meio de mecanismos de aprendizagem, imitação e identificação, por fim, resultando na integração do indivíduo ao grupo social (BERGER; LUCKMANN, 1985).

Para estes autores, a socialização escolar faz parte do que chamam de socialização secundária. A socialização secundária ocorre através de relações racionais e estratégias pedagógicas, a fim de apresentar ao indivíduo outros mundos além do apresentado pela socialização primária. Nas sociedades modernas, este processo ocorre geralmente em espaços institucionais como a escola, lugar onde se tem contato com várias áreas do conhecimento científico. Já a socialização primária, que antecede esta, seria o processo de interiorização do mundo apresentado nos primeiros anos de vida do

indivíduo. Geralmente carregado de afetividade, este processo introduz a criança a um determinado grupo social, em geral iniciado pela família.

Afetividade é termo que também merece destaque neste estudo. É resultado de experiências e vivências carregadas de emoção. Está relacionado a sentir a realidade (ZITKOSK, 2008). Ela está presente tanto nas relações entre os sujeitos de uma comunidade escolar, quanto no processo de aprendizagem, o qual abordaremos adiante. As emoções podem ser determinantes no processo de socialização, “[...] como o sentimento de pertença a uma comunidade e o reconhecimento de um papel específico no seu interior” (ABRANTES, 2011, pg. 126).

[...] se eu fizesse todo ensino médio a distância provavelmente seria depressiva, eu acho fundamental pelo menos na vida do adolescente, (...) ter a presença de amigos. Os professores também (...) como se fosse realmente uma segunda família, sempre ali, dando conselhos, às vezes, nada a ver com a aula, mas eles estão ali, falando algum assunto que às vezes é fundamental pra nossa vida. (Milena, 19 anos)

Quando a estudante faz referência à comunidade escolar como uma “segunda família”, é possível observar a carga afetiva presente nas práticas (ações) em contexto escolar. Fato que a estudante reconhece como parte constituinte de sua própria interpretação sobre o mundo.

Os rituais, “[...] práticas em que o valor emocional e simbólico assume uma importância central” (ABRANTES, 2011, pg. 126), devido seu caráter performativo, potencializa a interiorização dos códigos sociais. O evento que marca a etapa final da escolarização é a formatura. Consiste em um ritual com normas e práticas específicas, a fim de conferir ao estudante a obtenção do certificado de escolarização básica concluída. Esperada por muitos estudantes, a formatura carrega uma série de simbologias e significados, e para alguns deles, é o fato central que torna o terceiro ano do Ensino Médio tão singular.

Ao longo da trajetória escolar, os estudantes entrevistados observavam os rituais de conclusão de ensino médio praticados por gerações anteriores e, conseqüentemente, criavam no imaginário e planejavam suas futuras práticas nessa etapa. Em seus planejamentos para o último ano do ensino médio encontramos diversas práticas de convívio social. Eram planejados lanches coletivos, dias temáticos, estratégias de arrecadação de verba (como venda de lanche), entre diversas outras ações que promoviam a interação dos alunos em geral. Dentre tantas ideias, estes jovens tinham como objetivo, ao longo do ano, estabelecer práticas que simbolizassem a conclusão de uma etapa e conseqüentemente o fim do vínculo com a escola.

Eu sonhava com a formatura, queria viver o “terceirão”, dias temáticos, e tudo mais. Eu via os outros terceiros anos lá e ficava imaginando como ia ser na minha vez. (Michael, 18 anos)

Segundo Pedro Abrantes (2011), é a observação dos eventos anteriores (neste caso as formaturas) que torna o sujeito consciente das práticas e regras que lhe conferem seu próprio ritual, ou solenidade. Ou seja, o planejamento do que esperamos viver é influenciado pelas situações sociais que foram vivenciadas anteriormente. Ou nas palavras do autor:

[...] grande parte daquilo que aprendemos desenvolve-se no decorrer das atividades no mundo social e interioriza-se num estado não consciente, mas prático, já ajustado às estruturas (do organismo e do meio sociocultural) e, portanto, mobilizável nas interiorizações quotidianas (ABRANTES, 2011, pg. 128).

Estes rituais, planejados e desejados, ficaram apenas no imaginário destes jovens. Em realidade, eles foram impossibilitados de vivenciar e compartilhar momentos presenciais com seus pares devido ao contexto sindêmico.

Eu queria muito que fosse presencial, porque tinha toda uma expectativa de terceiro ano que com a pandemia eu tive que apagar sabe (...) Tu passa a vida toda na escola esperando por esse momento e acaba sem poder viver isso (...) Tive que tirar da cabeça toda aquela ideia. (Milena, 19 anos)

O que interessa analisar nesta pesquisa é em contexto escolar, mas não precisamente em espaço escolar, já que a sindemia nos obriga a recriar e reconfigurar os espaços e formas de relação, especialmente devido à necessidade de afastamento físico. Esta mudança de realidade repentina nos proporciona novas possibilidades de análise, já que “[...] a mudança social, acelerada em certos períodos, implica processos de (re)socialização mais ou menos abruptos, ao transformar práticas, linguagens, ideologias e estruturas sociais” (ABRANTES, 2011, pg. 125). A transformação da realidade social leva a escola para outro espaço, para além dos muros e paredes, o espaço escolar é amplamente alargado pelo uso das mídias móveis e tecnologias. As gerações mais jovens, as quais estes estudantes fazem parte, têm grande facilidade com o uso de tecnologias. São os chamados “nativos digitais”, sujeitos que, além de terem acesso, também demonstram habilidades para manipular tais tecnologias (PALFREY; GASSER, 2011).

Os estudantes entrevistados manifestam domínio sobre as plataformas digitais. Os smartphones eram os aparelhos mais utilizados por eles. Para alguns era o único meio de acesso às mídias digitais. Relatam a utilização do aparelho como algo prático e muito mais frequente durante o ano de 2020. Era por meio de aplicativos de mensagens nestes aparelhos que os estudantes se comunicavam e mantinham suas relações sociais. Lidar com as adversidades impostas pelo novo contexto educacional de forma coletiva, foi a maneira como foram resilientes ao modelo educacional remoto de caráter emergencial. Por meio de aplicativo de mensagens criaram grupos que podemos chamar aqui de redes de apoio. Uma rede de apoio pode ser definida como um conjunto de pessoas com relações estabelecidas a fim de promover resiliência, possibilitando o enfrentamento e superação em momentos de crise (JULIANO; YUNES, 2014). Essa transformação no modo de se relacionar com o outro promoveu a eles não só fortalecimento pessoal, mas também aprendizagem sobre a força da coletividade, entendendo que mesmo sendo seres humanos singulares, somos 100% seres sociais (CHARLOT, 2002).

O mais importante do Ensino Médio é os amigos que a gente faz. (...) Aprender a ajudar o outro, acho que é por isso que a gente faz tanto trabalho em grupo no Ensino Médio. (Eduardo, 19 anos)

Para Durkheim (2001), educação é processo de socialização, já que ocorre através do encontro com o outro. Segundo o sociólogo, os processos educacionais perpassam gerações, reproduzindo as normas, costumes e valores da sociedade em que se está inserido. Sendo assim, a aquisição dos valores depende do contexto social do indivíduo. Para exemplificar esta afirmação Durkheim assinala que não adianta que tentemos educar nossos filhos de maneira distinta, pois o meio social em que vivemos dispõe de regras reinantes pelas quais não conseguimos duelar e sair vencedores (DURKHIEM, 2001).

A escola me preparou para o mundo, eu tinha muita dificuldade de comunicação (...) o convívio como os colegas me fez aprender a me comunicar. (Luana, 18 anos)

O Ensino Médio me ajudou a lidar com a diferença. No Ensino Fundamental (outra escola) os meus colegas tinham o mesmo tipo de vida que meu (...) lá eu percebia que as pessoas tinham dificuldades de vida que eu nem sabia que existiam. (Letícia, 18 anos)

Os depoimentos acima remetem para definição de educação de Paulo Freire. Para ele, educação é processo que ocorre pela comunhão dos sujeitos, mediados pelo mundo, tendo como princípio fundante a aprendizagem (FREIRE, 1997). Aprender com e no mundo refere-se ao contexto da existência do sujeito (FREIRE, 2005). Sendo assim, entende-se por construção do conhecimento processo que ocorre com o outro, em comunhão e em contexto específico. Sendo a construção do conhecimento a função principal da escola, analisaremos em seguida como ocorreram estes processos em contexto sindêmico.

4.2. Quando estudar torna-se um árduo desafio: Relatos da relação com a construção do conhecimento

Este parágrafo, no qual o leitor encontra-se neste exato momento, surge de um exercício de pesquisa muito similar aos feitos pelos estudantes aqui pesquisados. Os navegadores de pesquisa *on line* foram aliados dos estudantes no ano de 2020. A pesquisa na internet se tornou um dos principais meios de construção de conhecimento destes sujeitos. Por este motivo, para iniciar este trecho que trata da relação com o conhecimento, digitou-se em uma destas ferramentas de pesquisa a seguinte expressão: “Definição de conhecimento”. Foi então obtido como resultado inicial duas definições; 1º Ato ou efeito de conhecer, 2º Ato de perceber ou compreender por meio da razão ou experiência.

Limitar a definição da relação do estudante com o conhecimento apenas com as duas frases citadas no parágrafo acima, é de fato insuficiente. A definição é direta e rasa. Possibilita-nos algumas reflexões, mas não o bastante para darmos conta desta pesquisa. O que se pretende ilustrar com este exercício de pesquisa rápida sobre o termo aqui trabalhado, é como sentiram-se os estudantes em relação aos seus processos de aprendizagem no ano de 2020. Todos os estudantes entrevistados relataram o uso de serviços de busca pela internet como principal ferramenta no processo de aprendizagem e produção das tarefas escolares. Do mesmo modo, todos eles relatam sentimento de carência de conhecimento escolar. Afirmando que a relação com a aprendizagem no último ano do ensino médio foi superficial e insuficiente, como relata um aluno;

A gente não aprendeu muito, era só copiar do colega ou pegar na internet. (...) Eu não me lembro de nada. (...) A gente não aprendia, só fazia as atividades e entregava. (Eduardo, 19 anos)

O relato do estudante sobre como se sentia em relação ao ato de aprender é o oposto do que esperamos de uma aprendizagem significativa. Quando falamos sobre construção de conhecimento escolar, não estamos nos limitando aos conteúdos e métodos. O conhecimento é construído ativamente por meio de interações sociais (JÓFILI, 2002), e precisa fazer sentido para o estudante. A construção do conhecimento escolar não é transferência de saberes do professor para o aluno, e sim a relação dialógica entre ambos (FREIRE, 1997). Desta forma, é fundamental que a instituição escolar provoque no estudante consciência sobre seu próprio processo de construção do conhecimento (JÓFILI, 2002).

Os estudantes aqui descritos partilharam de experiências de modo presencial em grande parte de suas trajetórias escolares, tendo vivido apenas o último ano do Ensino Médio em contexto sindêmico. Este fato promove a eles certo nível de maturidade em relação aos próprios processos de aprendizagem (JÓFILI, 2002). Esta maturidade ocorre não só pelo desenvolvimento cognitivo e passagem de etapas escolares anteriores, mas também, através do saber da experiência. Terem vivido em território escolar por grande período os possibilitou vivências e aprendizagens únicas. A escola é lugar de saber (CHARLOT, 2002), é lugar de conflitos que promovem saberes (PÉREZ GÓMEZ, 2000), é lugar de relações humanas (ZITKOSKI, 2008). A vivência que o espaço escolar proporcionou a estes estudantes os concede um saber único, o saber da experiência.

Experiência é aquilo que nos passa, que nos toca, e por consequência o que nos transforma. Trata-se de um saber distinto do científico, ou propriamente escolar. “É um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (BONDÍA, 2002, pg. 27). É um saber que só é possível adquirir através da própria experiência.

Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pre-ver” nem “pré-dizer.” (BONDÍA, 2002, pg. 28)

O desconhecido que se apresentava em forma de sindemia, implicou uma série de dificuldades, mas também novos saberes a estes estudantes. Os mesmos passam a se reconhecer enquanto principais responsáveis sobre seus próprios processos de aprendizagem. Isto não significa que estes estudantes não eram protagonistas dos seus processos de construção do conhecimento pré sindemia, afinal, “[...] ninguém pode

aprender no lugar do aluno.” (CHARLOT, 2002, pg. 19). Porém, eles só passam a se reconhecer enquanto protagonistas neste processo, quando a escola tem suas portas fechadas. Apesar de considerar como fundamental reconhecer-se enquanto principal agente no ato de aprender, há que se destacar, da mesma forma, a importância da mediação do professor. Ainda que chamados a assumir maior responsabilidade em relação ao acesso e à construção de conhecimentos (mais ou menos escolares), os estudantes não se sentiam preparados, ou seguros, para elaborarem suas aprendizagens sem o suporte e mediação do professor.

Era muito estranho, não sei explicar, tipo, todo mundo diz que no futuro as aulas provavelmente serão assim, à distância, não sei, que talvez nem precise ir mais pra escola. (...) É muito diferente não ter o professor ali, junto, tirando aquela dúvida, não só largando o PDF ali e deixando tu te virar. (...) Bah, a falta do professor é o pior. Parece que a gente fez um terceiro ano que a gente não aprendeu quase nada. (Eduardo, 19 anos)

Na obra “Pedagogia da Autonomia” (1997), Paulo Freire destaca que a função principal do professor é criar possibilidades para que o estudante possa desenvolver sua própria construção do conhecimento. Esta intervenção docente, segundo os relatos dos estudantes, ocorria nas aulas presenciais, pré-síndemia. Segundo eles, esta mediação não ocorreu no ano de 2020. A falta de contato professor-aluno(a) não incomodou apenas os estudantes. Os professores foram de fato surpreendidos. Sem formação prévia para lidar com situações emergenciais, foram se adaptando as mudanças conforme o tempo passava. Desta forma, já no primeiro ano de síndemia (2020) foram reformulando suas estratégias de ensino-aprendizagem. Em meio a esta confusão, o calendário escolar corria. Em realidade, tentava-se fazer educação escolar dentro do que parecia possível. Neste contexto as dúvidas, inquietações, inseguranças e angústias eram constantes (MONTEIRO, 2020).

Os estudantes enquanto sujeitos singulares possuem formas distintas de construção do conhecimento. Uns aprendem melhor ouvindo, outros discutindo, alguns lendo, outros escrevendo, e assim por diante. O que parecia um processo quase natural tornou-se desafiador para estes estudantes durante a síndemia e o isolamento social. O modo de se aprender teve seu espaço, tempo e métodos totalmente alterados.

Senti muita diferença no aprender. (...) Eu por exemplo, aprendo com o professor falando, eu não consigo entender muito bem só lendo, eu aprendo melhor com as pessoas me explicando. (Luana, 18 anos)

Pra mim, aprender não é só ler e responder, é ter toda aquela interação que a gente tinha em aula, porque às vezes a gente lendo não aprende, mas conversando acaba ficando na cabeça. (Milena, 19 anos)

Em relação ao tempo dedicado às atividades escolares as respostas obtidas foram bem similares. Não havia uma rotina ou tempo reservado para os estudos. A aprendizagem escolar teve seu espaço simbólico e de tempo diminuído drasticamente na vida destes estudantes. O tempo que “sobrava” era o utilizado por eles para fazer as atividades postadas pelos professores nas plataformas *on line*. Muitos deles assumiram novos compromissos devido ao contexto sindêmico, como por exemplo, cuidar de irmãos mais novos devido à suspensão das aulas da educação infantil. Alguns deles preferiam fazer as atividades mais complexas durante a madrugada, pela falta de espaço e silêncio em ambiente doméstico. Todos os estudantes entrevistados relataram não participar das aulas síncronas via chamadas de vídeo. Algumas motivações para abstenção destas aulas referem-se à qualidade do acesso, ferramentas físicas (celular, computador), metodologias adotadas pelos professores, problemas de ordem emocional e pessoal, entre outros.

Eu desisti de assistir as aulas, teve um tempo que fiquei bem desanimada, só voltei a participar porque os professores começaram a cobrar presença. (Milena, 19 anos)

Eu fazia as atividades por obrigação, só cuidava para entregar antes do prazo final. (...) Eu não me esforçava, só fazia o que tinha que fazer e mandava pra eu não ficar com uma nota ruim né. (Letícia, 18 anos)

Aprender a gente não aprendia, mas entregava as atividades (...) Tu não aprende sozinho, tem gente que só aprende perto do professor. (...) Às vezes eu acho que a gente aprende mais entre nós mesmo do que com professor. (Eduardo, 19 anos)

O acúmulo das dificuldades provocou nestes estudantes desânimo em relação à escola. Não foi possível observar o prazer no ato de aprender entre as falas sobre a experiência discente em contexto sindêmico. Fato que abre questionamento sobre o sentido do Ensino Médio para estes jovens, tendo em vista que:

[...] o processo de aprendizagem exige a conscientização dos conteúdos, o sentido da razão de estudar deve estar claro para o estudante, porque é o sentido pessoal que o impulsionará ou não para a atividade de estudo. (DE MELO; LEONARDO, 2019, pg. 05)

Contrapondo as experiências (e seus saberes) discentes pré e pós sindemia, observou-se maior envolvimento, e até mesmo uma relação prazerosa, com os processos de aprendizagem em aulas presenciais. Estudantes destacam a relevância de atividades

interdisciplinares e da comunicação direta em seus processos de construção do conhecimento. As trocas e compartilhamentos de saberes ocorridos nos espaços físicos da escola, no período que antecedeu a realidade sindêmica, entusiasmavam estes estudantes. Exemplificam o prazer no ato de aprender relatando com detalhes como eram as aulas que os próprios definem como dinâmicas.

Às vezes eu levava duas horas pra chegar na escola, e quando eu saía tinha que ficar na parada cinquenta minutos esperando o ônibus para ir embora. E mesmo assim eu sinto falta, bah, chegava lá, conversava com a “gurizada”, a aula às vezes era tri “zueira”, a gente podia falar nossa opinião. (Michael, 18 anos)

Há nos relatos, grande distinção sobre a relação com os processos de aprendizagem pré e pós sindemia. A falta da presença física dos professores e colegas teve destaque nas descrições sobre as dificuldades escolares em contexto sindêmico. No último ano do Ensino Médio, sem aulas presenciais, não eram mais as aulas dinâmicas ou as conversas com a “gurizada” que os motivavam a estar na escola. Lidando com a reorganização geral da vida, problemas de ordem emocional e financeira, e ainda com as dificuldades nos processos de aprendizagem, estes estudantes agarraram-se naquilo que os parecia forte para mantê-los na escola, a promessa de um futuro melhor.

O Ensino Médio enquanto ponte (DE MELO; LEONARDO, 2019) para o futuro assume algumas funções. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, o Ensino Médio, enquanto etapa final da educação básica tem como finalidade; a consolidação dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida escolar para prosseguimento nos estudos; preparar para o mundo do trabalho; promover autonomia intelectual e formação ética; possibilitar a consolidação dos fundamentos de cada disciplina. E ainda define objetivos de aprendizagem para cada área do conhecimento (LDB, 2020).

Ao analisar cada uma destas finalidades em relação à experiência discente em contexto sindêmico, percebe-se que o Ensino Médio não foi capaz de cumprir sua função com êxito na vida destes estudantes. Enquanto sujeitos que já concluíram o Ensino Médio, sentem-se inseguros em relação às suas habilidades intelectuais, e por consequência, inseguros em relação à vida adulta ou futuro.

O conhecimento em uma sociedade marcada pela meritocracia (MELO; SALES, 2020) é também ferramenta de disputa. O conteúdo trabalhado pelos estudantes no

período aqui investigado não é nosso principal objeto de análise, mas não por isso deixa de ter seu caráter social. A inserção no mercado de trabalho, e principalmente no sistema de ensino superior resulta das competências e aprendizagens trabalhadas ao longo do Ensino Médio. Portanto o Ensino Médio tem caráter determinante tanto na vida futura destes estudantes, quanto na estrutura social que preserva desigualdades.

Me senti muito prejudicada. (...) não tinha professor de português, fiz o ENEM sem saber fazer redação, minha nota foi uma vergonha. (Milena, 19 anos)

Eu fiz o ENEM, mas fui muito mal, não deu pra usar minha nota pra nada. (...) eu quero fazer faculdade, mas não tenho condições de pagar, por isso estou guardando dinheiro. (...) eu acho que não tenho condições de passar em uma faculdade pública agora. (Letícia, 18 anos)

Os relatos acima exemplificam de que forma o conhecimento escolar (ou seu desconhecimento) pode contribuir para a manutenção da desigualdade social. Estas frases ilustram também o que Bourdieu chamou de *obstáculos cumulativos*, em um texto publicado em 1966, onde reflete sobre o papel da escola frente às desigualdades sociais. Os obstáculos cumulativos são o resultado da soma de subjetividades como; êxito escolar, capital cultural, desigualdade social e expectativas de futuro. Segundo o autor, esta soma resulta na predeterminação do futuro dos estudantes de acordo com suas classes sociais de origem (BOURDIEU, 1966).

Por esta não simples razão, destacamos aqui a tratar da importância da educação de qualidade e democrática. Considerando a estrutura política e social do nosso país, a oferta de educação de qualidade, com oportunidade de aprendizagem para todos ainda é uma utopia. De qualquer forma, não podemos deixar de acreditar em seu potencial enquanto ferramenta de transformação social. Para Angél Perez Gómez (2000), a escola deve assumir esta função compensatória em relação às desigualdades sociais, é papel dela ofertar condições para que os indivíduos enfrentem o que temos hoje como mobilidade social competitiva (PÉREZ GÓMEZ, 2000).

Detectar o que esperam estes jovens em relação ao futuro, e quais estratégias formulam para a realização de seus sonhos, pode ilustrar de que maneira as lacunas nos processos de aprendizagem podem interferir diretamente em suas trajetórias.

4.3. O Futuro: Sonhos e incertezas

Pensar sobre os obstáculos cumulativos (BOURDIEU, 1966), educações distintas de acordo com a origem social e mobilidade competitiva (PÉREZ GÓMEZ, 2000), é também, pensar sobre as perspectivas de futuro destes estudantes. Estas perspectivas não tratam apenas dos projetos pessoais de cada indivíduo, pois têm influência direta do contexto social em que se está inserido.

Para muitos estudantes a escolarização e o conhecimento propiciado por ela são ferramentas de ascensão social (MELO; SALLES, 2020). Para alguns a conclusão do ensino médio é o que os capacita para as etapas futuras da vida:

Foi uma etapa que se encerrou, não como imaginava, mas tá tudo bem, foi necessário, eu sei que agora vêm outras etapas. (Milena, 19 anos)

As esperanças subjetivas de ascensão social através da escolarização podem ser determinantes na relação aluno-escola (BOURDIEU, 1966). Os estudantes veem o Ensino Médio como uma etapa necessária capaz de possibilitar um futuro melhor em relação ao que se vive no presente. E de fato, quando falamos sobre transformação, e sobre a necessidade de tornar a sociedade mais democrática e igualitária, falamos sobre educação. O questionamento que fica é se a estrutura escolar atual em nosso país oferece aos seus estudantes “[...] chances razoáveis de satisfazer todas as suas expectativas” (BOURDIEU, 1966, pg. 48) em relação ao futuro.

A dualidade escolar, que marca a realidade da educação brasileira, oferece oportunidades de futuro muito diferentes para estudantes ricos e estudantes pobres. Os estudantes aqui citados, como indivíduos de origem popular, filhos de trabalhadores assalariados e discentes de escola pública, enxergam o futuro como algo que só pode ser satisfatório se o presente for marcado por esforços e abdições. Assim como as dificuldades escolares enfrentadas em período sindêmico, a continuação dos estudos e a presença ativa no mercado de trabalho (que por vezes é o que permite a continuação dos estudos devido pagamento de mensalidades em instituições privadas) são também atos de resistência destes discentes. Discentes que, acabam por adiar os prazeres imediatos pela “[...] promessa de recompensas futuras, acenando para a possibilidade de alcançar um lugar socialmente valorizado na sociedade” (MELO; SALLES, 2020, pg. 92). E mesmo não se sentindo preparados para a adultez, buscam estratégias para alcançar um objetivo comum, a materialização de uma promessa de futuro melhor por meio dos certificados de diferentes níveis da educação.

Eu acho que não consigo passar em uma faculdade pública agora, vou tentar desconto na mensalidade de uma particular. (Letícia, 18 anos)

O certificado de conclusão neste contexto assume papel de assegurar um bom futuro por meio da inserção no mercado de trabalho (MELO; SALLES, 2020).

Tendo o Ensino Médio, agora eu posso ser qualquer coisa, posso ter uma profissão. (Michael, 18 anos)

Traçar estratégias para ultrapassar os obstáculos cumulativos é reconhecer criticamente a existência de situações limites (FREIRE, 2005). Uma situação limite está além do sujeito, está na estrutura social, são situações que não podem mudar. Situações que o oprimem o sujeito, o colocando em local de submissão. Detectar e gerir a capacidade de superar tal situação é um exercício crítico que podemos chamar de inédito-viável (FREIRE, 2005). O inédito-viável consiste nas estratégias de superação das situações limites dentro do que é possível naquele momento, são passos dados um de cada vez, dentro das possibilidades da época e realidade social, para que de passo a passo se chegue ao destino final, por isso viável.

A conclusão da escolarização básica para estes estudantes é um passo viável, dos muitos que ainda faltam para realização de suas expectativas em relação à vida futura. A necessidade de criar estratégias e planejamentos para que possam ter no futuro uma realidade melhor do que a presente pode ser cruel.

Quando entrei no Ensino Médio tinha na minha cabeça que eu tinha que entrar na faculdade com 18 anos. É que antes eu não trabalhava né, então eu ficava me cobrando. (...) ai agora não, agora estou trabalhando. (Letícia, 18 anos)

Minha mãe diz que eu tenho que estudar para ser alguém na vida. Ela tá sempre no meu ouvido dizendo que eu tenho que estudar. (Eduardo, 19 anos)

Ser produtivo, produzir algo, “ser alguém na vida”, “fazer alguma coisa que preste”. A crueldade da estrutura capitalista na qual vivemos é facilmente detectada nas vozes discentes. Dizem estudar para ter um bom emprego, ou para ficarem ricos, ou para poderem através do dinheiro ter a vida tranquila que ainda não puderam ter. “Deve-se ter diploma para ter emprego, deve-se ter emprego para ter dinheiro e deve-se ter dinheiro para ter uma vida normal” (CHARLOT, 2002, pg. 27). O que eles reconhecem como fator principal da escolarização não é o quanto ou como se aprendeu, tão pouco a relação que se estabeleceu com este conhecimento. Mas sim, as etapas para conquistarem estabilidade financeira, para assim viver uma vida segura e sossegada.

Mesmo reconhecendo a existência de etapas e estratégias para alcançarem seus objetivos de futuro, quatro de cinco dos discentes entrevistados já são ativos no mercado de trabalho formal. A inserção no mercado de trabalho nestes casos é uma ação motivada pela necessidade do agora. Ocupar maior parte do dia em atividades de trabalho remunerado atrapalha suas estratégias de ascensão social através dos estudos. Entretanto, isto não é uma escolha. Segundo o professor Gaudêncio Frigotto (2002) os sujeitos das classes populares, por anseio e insegurança em relação ao futuro, seguram-se no que lhes oferece empregabilidade e por consequência sentimento de segurança. Por evidente, não se trata de criticar o trabalho enquanto ação, já que é o que nos torna humanos, mas reconhecer o abismo das desigualdades sociais provocadas pela estrutura capitalista e sua forma de trabalho assalariado (FRIGOTTO, 2002).

Quero estar formada e colhendo os frutos dos meus esforços, porque trabalho muito para conseguir pagar a faculdade. (Milena, 19 anos, sobre o que espera para o futuro)

As experiências discentes e suas perspectivas de futuro apresentam duas possibilidades de análise, mas não por isso uma exclui a outra. A primeira é futuro enquanto provocador do ato de esperar, pois a esperança é o que nos possibilita enquanto humanos buscar possibilidades para a criação no novo, do futuro (FREIRE, 1997). Enquanto estes estudantes têm esperança na vida futura, se movimentam ativamente e criticamente no presente. A segunda é sobre futuro e a face cruel que ele pode ter. Há um breve escrito do então jovem Karl Marx, do ano de 1835, intitulado “Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma profissão”. O texto fala sobre os desafios no processo de transição de adultez, trabalho e profissão. As reflexões são trazidas por um jovem de apenas 17 anos, idade próxima dos estudantes aqui citados. Os apontamentos de Marx sobre a relação da escolha da profissão com o futuro levantam questões tão presentes na atualidade que não parecem terem sido escritas no século XIX. “Severidade do destino” é a expressão que marca este texto. O termo refere-se à capacidade cruel da cobrança social sobre o “ser alguém”, ter uma vocação, um talento (MARX, 1835).

Eu até tenho medo do meu futuro. (...) eu odeio não saber meu futuro, odeio não saber como vai ser daqui pra frente, porque virar adulto é difícil, tenho que lidar com a ansiedade ainda. Eu ainda não sei o que quero fazer. (Letícia, 18 anos)

Tratar o futuro como sentido fundamental da vida é de fato perigoso e cruel. Em realidade sindêmica de perdas afetivas constantes, isto se torna mais evidente. As

estratégias e sacrifícios feitos por estes jovens em prol de um futuro melhor, no presente, são, de fato, imposições severas. Quanto mais não seja, ilustram o pesado fardo que carregam estes jovens de classes populares em relação aos seus processos de transição para a adultez.

Ainda que precisem lidar com obstáculos cumulativos (BOURDIEU, 1966), situações limites (FREIRE, 2005) e com a severidade do destino (MARX, 1835), estes estudantes conseguem sonhar. Sonham com uma vida que ainda não tiveram. Sonham com uma profissão que não lhes deem apenas retorno financeiro, mas que lhes permitam sentir prazer no ofício. Sonham com a tranquilidade, mas também sonham com a segurança. E ainda sonham com um futuro mais igual. Sonham com os dias em que voltamos a nos abraçar. Sonham com outros jovens tendo a oportunidade de ter a vivência que somente o “chão da escola” proporciona.

Então, ao saber que mesmo diante de várias adversidades eles sonham, e que nos sonhos há uma visão crítica do hoje, concluímos que de alguma forma, mesmo que não a ideal, a escola está presente na construção destes sujeitos como seres humanos.

Saber da capacidade dos jovens em sonhar é mais uma razão para continuarmos lutando por uma educação de qualidade, democrática, igualitária e baseada na escuta. Pois apenas escutando seus anseios e desejos, é possível criar uma educação prazerosa que faça sentido aos estudantes.

5. SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA

A escuta pode assumir papéis diversos e significados profundos, tanto para quem escuta quanto para quem é escutado. Desde a primeira inquietação, provocadora para o exercício deste trabalho, colocou-se a escuta como coleta de dados principal. A ação de escutar não ocupou apenas o papel de coleta de dados, ela foi capaz de provocar novas inquietações e até mesmo emoções em relação à realidade educacional atual.

O diálogo direto foi a ação que mais fez falta a estes estudantes, tanto em suas construções do conhecimento, quanto em suas formas de socialização ao longo do ano de 2020. Por esta razão, as entrevistas que deram corpo a este trabalho, representaram para eles mais do que contribuições voluntárias a uma pesquisa. A oportunidade de terem suas angústias, anseios, dúvidas e aspirações escutadas por alguém, fez com que

participassem das entrevistas de modo intenso, compartilhando riqueza de detalhes de suas experiências escolares e de vida.

Escutar para Paulo Freire (1997) é prática essencial nas relações de aprendizagem. O diálogo, como função central para uma educação libertadora (FREIRE, 2005) não esteve tão presente quanto o necessário na experiência escolar sindêmica destes cinco estudantes.

Reconhecendo a importância das narrativas escutadas ao longo desta pesquisa, trataremos a baixo, em forma de tabela dividida por três perceptivas de análise, alguns dos relatos marcantes que não foram citados ao longo deste texto:

Relação com o Conhecimento:	Processos de Socialização:	Perspectivas de Futuro:
<p>Não consegui criar uma rotina de estudo, fazia as atividades quando dava. (Milena, 19 anos)</p> <p>Os professores não respondiam, ou levavam dias pra responder. (Milena, 19 anos)</p> <p>Eu não participava das vídeo chamadas (aulas síncronas), era muito ruim, ninguém participava. (Michael, 18 anos)</p> <p>Era ler a matéria, responder questionário e devolver, eu não aprendia nada, as vezes só pegava as respostas na internet e entregava. (Michael, 18 anos)</p> <p>Tive muita dificuldade, só não desisti pela minha família. Eu tinha dúvidas, os professores não respondiam. (Luana, 18 anos)</p> <p>Eu ficava muito confusa, cada site que eu entrava dizia uma coisa diferente. (Luana, 18 anos)</p>	<p>Nossa turma era bem unida. (...), agora não tenho mais contato com eles, a gente acabou se afastando com o isolamento. (Milena, 19 anos)</p> <p>Quando a turma toda não conseguia fazer alguma atividade nos juntávamos no grupo (de mensagens). (...) sabíamos que só um reclamando não adiantava, mas todos juntos era diferente. (Milena, 19 anos)</p> <p>A gente amadurece né, a gente aprende com várias experiências que a gente têm com os colegas. (Michael, 18 anos)</p> <p>Quando a gente ia pra escola, o professor não era só dar a matéria e deu. Eu por exemplo, me dava tri bem com os professores, encontrava no corredor, falava de outras coisas. Mas no terceiro ano era só enviar matéria. (Michael, 18 anos)</p>	<p>Eu queria trabalhar no exercito (...) mas esse ano minha irmã ficou muito doente e precisou ficar internada no hospital (...) vendo na prática a importância da profissão da vida das pessoas e mudei pra enfermagem. (Milena, 19 anos)</p> <p>Eu queria trabalhar com RH, mas depois de tudo isso (sindemia), estou pensando em fazer curso na área de TI, porque acho que o mercado pra essas coisas de tecnologia só vai aumentar. (Luana, 18 anos)</p> <p>Eu quero ser policial porque é a profissão que consigo me imaginar no futuro, sonho com a farda e tal. (Eduardo, 19 anos)</p> <p>Quero morar sozinho e ter estabilidade financeira. (Eduardo, 19 anos)</p>

<p>Matemática, física, essas matérias, eu não entendia nada. (Letícia, 18 anos)</p>	<p>O que eu mais senti falta em 2020 foi a rotina, sabe? Ter horário pra sair, voltar, ter compromisso. (Letícia, 18 anos)</p> <p>Eu não tenho mais contato com os colegas, nenhum, nem as gurias que eu me dava bem. (Letícia, 18 anos)</p>	
---	--	--

Trazer as falas seguidas na tabela, além de completar o que foi abordado nos tópicos anteriores, serve para que o leitor consiga se aproximar dos nossos sujeitos de pesquisa. O objetivo em trazer as narrativas de maneira seguida é que façamos o exercício de empatia em relação a estes estudantes. Para que consigamos tratar de que maneira a experiência sindêmica os afetou.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns problemas educacionais citados neste trabalho estão longe de serem novidades para os pesquisadores da área da educação. Nossa estrutura social, política e cultural ainda tem um longo caminho de transformações para que tenhamos uma educação de qualidade e democrática. Com falta de recursos e apoio do Estado fica cada vez mais difícil garantir educação de qualidade para todos.

Ainda que tenhamos muito a caminhar, não podemos deixar de destacar o quanto já se caminhou. Mesmo que a estrada seja esburacada, torta, sem asfaltamento, longa e árdua, não podemos deixar de dar valor às belas paisagens propiciadas ao longo do trajeto.

As recomendações feitas pelo Conselho Nacional de Educação sobre as especificidades da etapa final do Ensino Médio, e, por conseguinte da necessidade de receber atenção especial em relação aos processos de aprendizagem e suas dificuldades (BRASIL,2020), não chegaram na prática a estes estudantes.

As faltas que a sindemia provocou na vida escolar destes jovens, acabaram tendo teor determinante em suas formas de relação com o conhecimento, com o outro, com o futuro e por consequência com o mundo. Para eles lhes falta corpo, lhes falta fala, lhes

falta escuta, lhes falta tempo, lhes falta comprometimento, lhes falta prazer, lhes falta tudo aquilo que compõe o processo de aprendizagem libertador. Faltou a eles, o que mais se exige do Ensino Médio enquanto modalidade: Segurança para seguir das próximas etapas da vida.

As adversidades provocadas pela pandemia nos provaram o quanto a estrutura escolar é fraca e despreparada para lidar com grandes transformações. A covid-19, dentre tanto sofrimento que vem provocando, nos mostra que devemos sempre estar preparados para o inesperado. É importante que daqui para diante, se pensem em planos “Bs” e até mesmo “Cs” para os processos educacionais. Tanto os planejamentos de aula, quanto as políticas a nível estatal, devem daqui para diante repensar suas funções, e principalmente, como garantir que estas funções sejam realizadas caso o inesperado se instaure novamente como realidade.

Mesmo que pareça um tanto clichê e repetitivo defender uma reforma no sistema educacional, as experiências destes estudantes reafirmam na prática o quanto esta transformação de fato é necessária.

O acúmulo de tudo que lhes faltou, não pôde ser recuperado, afinal estes estudantes concluíram sua trajetória na escolarização básica em contexto sindêmico. As inúmeras dúvidas ficaram presas no ano que já passou, e já mostram seus impactos quando analisamos a entrada destes estudantes no mercado de trabalho e/ou ensino superior.

Com os tantos obstáculos provocados pela pandemia e falta de qualidade do ensino, é preciso que se pense, discuta e formule políticas que abarquem as especificidades destes jovens.

Para encerrar este texto, voltemos às belas paisagens da árdua estrada chamada educação. Dentre tantas dificuldades estes estudantes aprenderam sobre coletividade, solidariedade, sobre a importância do outro, e passaram a ter uma nova visão sobre o papel social da escola. O que se espera, é que suas difíceis experiências escolares, tanto em território escolar quanto em contexto sindêmico, possam contribuir para a relação das futuras gerações com a escola, e conseqüentemente sua valorização enquanto ferramenta de transformação social.

7. REFERÊNCIAS:

ABRANTES, Pedro. Para uma teoria da socialização. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Porto*, Vol XXI, 2011, pág. 121-139. Disponível em <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2229/2064> Acesso em 29 de outubro de 2021.

ANDRÉ, M. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 40, p. 95-103, 16 out. 2019. Disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/7441/4804> Acesso em 29 de outubro de 2021.

AULAS PROGRAMADAS NA REDE ESTADUAL DE ENSINO INICIAM NOVA ETAPA A PARTIR DE SEGUNDA-FEIRA (6). Site da Secretária da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/aulas-programadas-na-rede-estadual-de-ensino-iniciam-nova-etapa-a-partir-de-segunda-feira-6> Publicado em: 04/04/2020 . Acesso em 13 de agosto de 2021.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado da sociologia do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

BITTENCOURT, Priscilla Aparecida Santana.; ALBINO, João Pedro. **O uso das tecnologias digitais na educação do século XXI**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v.12, n.1, p. 205-214, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n1.9433>>. E-ISSN: 1982-5587 . Acesso em: 22 de abril de 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19. 2pp. 20-28. 2002

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. In: *Escritos de educação*: 39-64. Petrópolis: Vozes, [1966] 1998.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Básica 2020**. Notas estatísticas. Brasília. DF: INEP, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP n. 11/2020, de 07 de julho de 2020**. Orientações Educacionais para a Realização de aulas e atividades pedagógicas presenciais e não presenciais no contexto da Pandemia. Brasília: Ministério da Educação, 2020.

CAMPELLO, Ana Margarida. Dualidade Educacional. IN: **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2009

CHARLOT, Bernard. Relação com a escola e o saber nos bairros populares. *Perspectiva*. Florianópolis, v.20, n.Especial. p. 17-34, jul./dez.2002

DE MELO, Letícia Cavaliere Beiser; LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro. **Sentido do ensino médio para estudantes de escolas públicas estaduais.** Psicologia Escolar e Educacional. v.23: e177542, 2019.

DURKHEIM, Emile. **Educação e sociologia.** Lisboa, Portugal: Edições 70, 2001.

FERNANDES, Florestan. A ciência aplicada e a educação como fatores de mudança cultural provocada. In: Fernandes, Florestan. **Ensaio de sociologia geral e aplicada.** São Paulo: Pioneira. p.160-300. 1959.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 42.^a edição. 2005.

FRIGOTTO, G. A dupla face do trabalho: Criação e destruição da vida. IN: G. Frigoto & M. Ciavatta (Orgs.), **A experiência do trabalho e a educação básica** (pp. 11-27). Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

GOVERNO PRORROGA SUSPENSÃO DAS AULAS ATÉ O FINAL DE ABRIL. Site da Secretária da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/governo-prorroga-suspensao-de-aulas-ate-o-final-de-abril>. Publicado em: 01/04/2020. Acesso em 12 de março de 2021.

IBGE, 2019. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf Acesso em: 07 de novembro de 2021.

JÓFILI, Zélia. Piaget, Vygotsky, Freire e a construção do conhecimento na escola. Educação: Teorias e Práticas. v. 2, n. 2, p. 191-208, dez 2002.

JULIANO, Maria Cristina Carvalho; YUNES, Maria Angela Mattar. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismos de proteção e promoção de resiliência. **Ambiente e Sociedade.** São Paulo. Vol XVII n.3, 2014.

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. – 4. ed. – Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 59 p. 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Políticas Educacionais no Brasil: Desconfiguração da escola e do conhecimento escolar.** Cadernos de Pesquisa. V.46 n.159 p.38-62 jan/mar, 2016.

MARTINS, G. de A, THEÓFILO, C. R. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas.** 2^a Edição. São Paulo. Atlas. 2009.

MARX, Karl. Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma profissão. Primeira Edição: Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung, Ed. K. Grünberg, Leipzig, 1925; escrito entre 10 e 16 de Agosto de 1835. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/marx/1835/08/16.htm> Acesso em: 10 de setembro de 2021

MELO, Luciano Plez de; SALES, Leila Maria Ferreira. Escola, Juventude e Perspectivas de Futuro: Alguns apontamentos. *Cadernos CEDES*. v. 40, n. 110, 2020.

MONTEIRO, Sandrelena da Silva. (RE)inventar educação escolar no Brasil em tempos de covid-19. *Rev. Augustus*. RJ. V.25 n.51, pág. 237-254, jul./out. 2020 Disponível em <https://apl.unisiam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/552/301> Acesso em 29 de outubro de 2021.

MORAES, Livia Bocalon Pires de. “Ciências sociais e intelectualidade: ciência, educação e política”. *Educação e Pesquisa* 42(2): 395-409, 2016.

OLIVEIRA, D.A. Educação. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, CDROM, 2010.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICA DE SAÚDE. Organização Mundial de Saúde. COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). *Folha Informativa*, 6 abr. 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 29 de maio de 2021

PALFREY, J. GASSER, U. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. tradução: Magda França Lopes; revisão técnica: Paulo Gileno Cysneiros. Porto Alegre: Artmed, 2011

PEREIRA, Alexandre de Jesus; NARDUCHI, Fábio; MIRANDA, Maria Geralda de. **Biopolítica e Educação: Os impactos da pandemia de covid-19 nas escolas públicas**. *Revista Augustus* v. 25 n. 51, 2020.

PÉREZ GÓMEZ, Ángel I. Funções sociais da escola da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: SACRISTÁN, José Gimeno; PÉREZ GÓMEZ, Ángel. I. Compreender e transformar e ensino. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, p. 13-26. 2000.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 55.118, DE 16 de março de 2020. Estabelece medidas complementares de prevenção ao contágio pelo COVID-19 (novo Coronavírus) no âmbito do Estado.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina, 2020

SILVA, Francisco Thiago. Currículo de Transição: Uma saída para a educação pós-pandemia. IN: REESMA – **Revista Educamazônia**. Educação Sociedade e Meio Ambiente, Universidade Federal do Amazonas, Vol. XIII, nº 1, jan-jun, 2021.

VEIGA-NETO, Alfredo. Mais uma Lição: sindemia covídica e educação. **Educação & Realidade** [online]. 2020, v. 45, n. 4. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/edreal/a/FtpkV5RY3Q64nvBdvxbSXwg/?lang=pt&format=pdf>
Acesso em 18 de setembro de 2021.

ZITKOSK, Jaime, J. et al. Dicionário Paulo Freire. Disponível em: **Minha Biblioteca**, (2nd edição). Grupo Autêntica, 2008.

8. APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Gostaria de convidá-lo (a) através deste documento para participar da pesquisa intitulada “**A experiência discente no Ensino Médio durante a Síndemia de Covid-19**”, realizada pela pesquisadora Kaena Rogerio Vianna, como parte de seu processo de conclusão de graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do professor Dr. Alexandre Silva Virginio. Esta pesquisa tem como objetivo; analisar a relação da experiência discente em contexto sindêmico com suas perspectivas de futuro, a relação construída com o conhecimento e as características dos processos de socialização.

Se estiver de acordo, você participará de uma entrevista individual respondendo algumas questões à pesquisadora acima citada. A sua identificação nesta entrevista será mantida em sigilo e a sua participação é voluntária, ou seja, não remunerada, podendo ser interrompida em qualquer etapa do processo sem nenhum prejuízo. Você receberá uma cópia deste termo em que consta o telefone e o endereço institucional da pesquisadora, podendo tirar dúvidas sobre o estudo, agora ou em qualquer momento.

Eu,....., portador do RG:.....declaro que recebi todas as explicações sobre esta pesquisa e concordo em participar da mesma.

Assinatura do(a) Participante

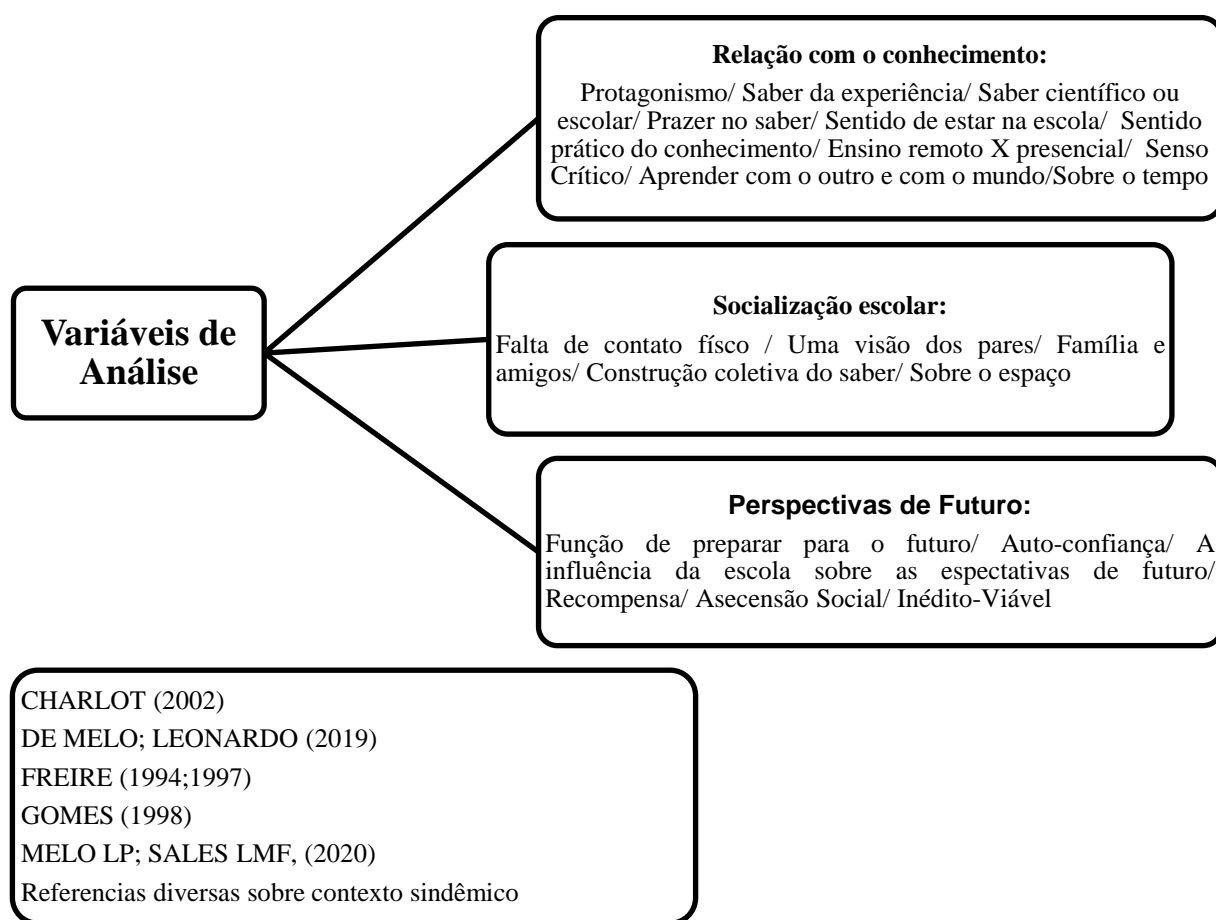
Data ____/____/____

Assinatura da Pesquisadora

Contato Institucional : Endereço: Av. Bento Gonçalves, 9500 – Prédio 43311 Campus do Vale, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Telefone: (51) 3308 6648. Pró-reitoria de Pesquisa: (51)3308-4085.

Contatos da pesquisadora - Email: kaenavianna@gmail.com - Telefone: (51) 985093881.

Guia de Entrevista Estudantes:



1º Apresentar a pesquisa e a pesquisadora ao entrevistado, alertá-lo sobre questões de sigilo e veracidade das informações prestadas;

2º NÃO EXISTE RESPOSTA CERTA OU ERRADA.

Perguntas Quebra Gelo:

- 1) Me conta o que tu faz hoje, como é tua vida?
- 2) Tomaste a vacina da Covid?
- 3) Idade, gênero, bairro onde reside, escola em que concluiu o Ensino Médio.

Perguntas Introdutórias:

- 4) Quando as atividades escolares eram presenciais como se deslocava até a escola?
- 5) O que achava da rotina escolar antes da sindemia? (amigos/mudanças/prós/contras)
- 6) Durante o Ensino Médio tu tinhas outras atividades? Quais? (trabalho em suas diversas formas/curso/filhos, etc...)
 - a) E atualmente? (trabalho, estudos, família, etc...)

Sobre a relação com o conhecimento:

7) Tu gostavas de ir para a escola? (Aula/ adquirir e partilhar saberes/ convívio com os amigos)

a) O que tu achas que mais te afetou na mudança para aulas não presenciais?

b) O que tu mais gostavas de estudar no Ensino Médio? Por quê?

8) Como tu acessavas os conteúdos e atividades escolares durante a suspensão das aulas presenciais? (recursos utilizados/ qualidade/ onde/ quando/ por quanto tempo/ gostava ou não)

a) Como buscava resposta para dúvidas e questionamentos?

b) Tu contavas com auxílio de familiares, amigos, colegas entre outros?

9) O que mais e menos gostastes na mudança da configuração escolar no ano de 2020?

10) Qual a importância de ter concluído o Ensino Médio?

a) De tudo que aprendeste na escola, o que sentes ser o mais relevante? Qual a relevância destes saberes na tua vida? (senso crítico/ autoconfiança/ relação com o saber)

b) O significado de conclusão;

c) Formatura e sua relevância enquanto ritual.

Socialização Escolar:

11) Como era tua relação com os colegas quando as aulas eram presenciais? Como ficaram durante a suspensão das aulas?

a) O contato aumentou, diminuiu ou permaneceu o mesmo? Como ocorriam estes contatos?

b) Havia solidariedade entre os colegas nas atividades escolares? (se sentia agente de saber nessa relação?)

c) Como a turma se organizava para reivindicar questões de descontentamento ou conversar com a coordenação? (Grupos em redes sociais/ representante de turma)

12) Como era a relação com os professores durante as aulas presenciais e como ficou durante as aulas remotas?

Relação com o futuro:

13) O que pensava em fazer depois do Ensino Médio? Por quê? (Influência)

a) Te sentia preparado para isso?

14) Quais são teus sonhos para o futuro? (Coletivo e Individual)

a) Qual a relevância da escola nestes sonhos?

Guia de Entrevista Coordenação:

1º Apresentar a pesquisa e a pesquisadora ao entrevistado, alertá-lo sobre questões de sigilo e veracidade das informações prestadas;

2º SOLICITAR O PPP DA ESCOLA

Perguntas Quebra Gelo:

1) Me conta um pouco da tua trajetória na educação. (formação, tempo nessa escola, etc...)

2) Tomaste a vacina da Covid?

3) O que tu pensas sobre o retorno das aulas presenciais?

Das dúvidas provocadas pelos relatos dos estudantes:

4) Quantas turmas de terceiro ano haviam na escola no ano de 2020?

5) Quais as primeiras estratégias feitas pela escola após a suspensão das aulas presenciais?

6) Foi de conhecimento da escola a publicação do parecer 11/2020 do CNE sobre atenção especial para etapa final do Ensino Médio?

7) Quais foram as estratégias a fim de aproximar os alunos?

8) Como foi a reformulação dos currículos? (conteúdo, metodologia, avaliação)

9) Quais foram as medidas tomadas para garantir o acesso de todos os alunos?

10) Como era o contato da escola e professores com os alunos?

11) Eram trabalhados, nestas turmas de terceiro ano, atividades de preparação para exames e vestibulares, além de discussões sobre o mundo do trabalho?